

A CULTURA URBANA NA AMAZÔNIA E NA AMÉRICA LATINA

Desafio à Missão nos Dias de Hoje

Francisco Xavier Martínez
javenseg1@hotmail.com

RESUMO: O atual processo de urbanização crescente do mundo de hoje converteu-se em um dos desafios mais importantes para a ação evangelizadora e missionária da Igreja. O presente artigo pretende se aproximar do fenômeno urbano tal como se dá na Amazônia e na América Latina para evidenciar melhor os desafios locais e possam assim emergir algumas pistas para o caminho e ação missionária neste continente. Num primeiro momento descreve o processo de urbanização da Amazônia em seus aspectos históricos e sócio-políticos. Num segundo ponto reflete-se sobre tendências socioculturais que seriam características das cidades latino-americanas, relacionando cidade com modernidade e considerando a cidade atual determinada pela globalização da economia e pela sociedade informacional. Num terceiro momento apresenta-se a resposta eclesial frente ao fenômeno urbano frisando os aportes das grandes Conferências do Episcopado Latino-americano. Por último oferecem-se alguns aspectos e pistas, ao nosso modo de ver, de obrigada referência para o trabalho eclesial e missionário nas cidades. Na conclusão apela-se para um “espírito contemplativo” capaz de discernir os “sinais de nosso tempo urbano”, assim como para a urgência de nós recuperar o tema da “formação permanente” em vista da resposta aos desafios atuais que apontam para o nosso reposicionamento e para a “nova figura de xaveriano”.

ABSTRACT: The current process of increasing urbanization in the world today has become one of the most important challenges for the Church's evangelizing and missionary activity. This article intends to approach the urban phenomenon as it occurs in the Amazon and Latin America to better highlight the local challenges and thus to emerge some clues for the path and missionary action in this continent. In a first moment it described the process of urbanization of the Amazon in its historical and socio-political aspects. In a second point it is reflected on sociocultural tendencies that would be characteristic of the Latin American cities, relating city with mo-

ernity and considering the present city determined by the globalization of the economy and the informational society. In a third moment the ecclesial response is presented in front of the urban phenomenon emphasizing the contributions of the great Conferences of the Latin American Episcopate. Finally we offer some aspects and clues, as we see it, of forced reference to the ecclesial and missionary work in the cities. In conclusion, it calls for a “contemplative spirit” capable of discerning the “signs of our urban time”, as well as for the urgency of us to recover the theme of “permanent formation” in order to respond to the current challenges that point to our repositioning and for the “new figure of Xaverian”.

E inegável a expansão urbana em toda a terra. As mais variadas fontes estatísticas vêm corroborando tal movimento: enquanto cerca do 30% da população mundial habitava cidades na metade do século XX, calculasse que hoje essa proporção já ultrapassa 50%, mais de 3,3 bilhões de pessoas e, para 2030, são estimados quase 70% de moradores urbanos no mundo. Em 1950, Nova York era a única cidade que contava com mais de 10 milhões de habitantes, dados de 2016 afirmam que as megalópoles já alcançaram o número de 36 no mundo.¹

América latina é a região mais urbanizada do mundo em desenvolvimento. A transição urbana aconteceu de forma acelerada na segunda metade do século XX. Em 1950, 58,6% da população latino-americana ainda vivia no meio rural e somente 41,4% estavam nas cidades. Em 1965, a população urbana de 53,3% já tinha ultrapassado a população rural de 46,7%. No ano 2010, última rodada dos censos, a população urbana latino-americana chegou a 78,8% e a população rural caiu para 21,2%. Estima-se que em 2050, as pessoas vivendo nas cidades cheguem a 86,6%, contra 13,4% no meio rural.

A cidade não é simplesmente um espaço físico, mas, sobretudo um horizonte cultural, que cria um estilo de ser, um modo de viver e conviver, uma nova cultura. Já em 1990, são João Paulo

¹ Cf. DEMOGRAPHIA Centro de estudos urbanos de EUA. Relatório de 2016 disponível em: <http://cdn.plataformaurbana.cl/wp-content/uploads/2016/05/demographia-world-urban-areas.pdf>. Acesso em: 29/11/2017.

II, na encíclica *Redemptoris Missio* ao capítulo quarto onde se fala dos imensos horizontes da missão ad gentes, alertava:

“Hoje a imagem da missão ad gentes está talvez a mudar: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que depois influem na população. É verdade que a « escolha dos menos afortunados » deve levar a não descuidar os grupos humanos mais isolados e marginalizados, mas também é verdade que não é possível evangelizar as pessoas ou pequenos grupos, descuidando os centros onde nasce — pode-se dizer — uma nova humanidade, com novos modelos de desenvolvimento. O futuro das jovens nações está-se a formar nas cidades” (RMi 37b).

Papa Francisco na sua exortação apostólica programática “*Evangelii Gaudium*”, no começo do seu pontificado em 2013, enumera alguns desafios do mundo atual, entre os quais aparece o desafio das culturas urbanas. Lá se propõe um olhar contemplativo “para conseguirmos um diálogo parecido como o que o Senhor teve com a samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede”. Conscientes de que nestas novas culturas “o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus” (EG 73).

Porém este desenfreado processo urbanizador, mais em concreto o crescimento descontrolado de muitas cidades é questionado e apontado como fator de deterioração da qualidade da vida humana e de degradação social e ambiental. Escreve papa Francisco na sua encíclica *Laudato Si’*:

“Nota-se hoje, por exemplo, o crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis para viver, devido não só a poluição proveniente de emissões tóxicas, mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visual e acústica. Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso. Há bairros que, embora construídos recentemente, apresentam-se congestionados e desordenados, sem espaços verdes suficientes. Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada

vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contato físico com a natureza”. (LS 44).

Queremos neste artigo nos aproximar do fenômeno urbano tal como se dá na Amazônia e na América-latina para evidenciar melhor os desafios locais e possam assim emergir algumas pistas para o caminho e ação missionária neste continente.

1. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

A urbanização dos estados amazônicos atravessou duas fases historicamente distintas: na primeira, anterior aos anos 1960, esse processo nascia e se desenvolvia predominantemente pelos rios; já na segunda fase, a exploração mineral e os grandes projetos estimularam o crescimento urbano com o auxílio das rodovias após os anos 1960.

Para alguns autores² só é possível falar em desenvolvimento urbano na Amazônia, a partir da economia da borracha (1850-1920) quando as cidades de Belém e Manaus se destacaram no cenário regional com a urbanização de ruas, construção de monumentos, formação de novos bairros, implantação de serviços idênticos aos estruturados nos demais centros urbanos do Brasil. Antes disso encontramos as fortificações ibéricas e os aldeamentos missionários transformados em vilas durante a administração do Marquês de Pombal, situadas nas várzeas do Amazonas e afluentes nos lugares de maior densidade de população indígena.³ A dinâmica desencadeada pela economia da borracha proporcionou o surgimento de novas aglomerações urbanas que conduziu ao desenvolvimento de uma estrutura urbana primaz, evidenciando as diferenças entre as cidades maiores e menores.

² Cf. PEREIRA, José C. M. A Urbanização da Amazônia e o papel das Cidades Médias na Rede Urbana Regional. In: CARDOSO, Ana C. D. (Org.). *O rural e o urbano na Amazônia: Diferentes Olhares em Perspectiva*. Belém: UFPA, 2006.

³ Cf. CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 39-68, jul/set, 1987.

Mas é em tempos recentes quando se registra uma intensa urbanização regional desencadeada pela geopolítica do governo militar visando um novo projeto para a região: o Plano de Integração Nacional, concebido na década de 1960 e implantado como Programa de Integração Nacional em 1970 pelo decreto-lei nº 1.106. Visando ocupar definitivamente a Amazônia, o governo favoreceu a expansão da fronteira agropecuária iniciada no Sudeste, e teve na implantação de núcleos urbanos uma estratégia explícita. Incentivos fiscais e créditos a juros baixos para atrair empresas, implantação de redes de infraestrutura e de cidades e a indução de imigração para formar um mercado de mão de obra local levaram a formação de uma fronteira urbana antes mesmo de a própria fronteira agrícola alcançar a região.⁴

Múltiplas formas de urbanização emergiram na Amazônia, desde o crescimento explosivo de antigas cidades localizadas à beira dos rios até a geração de novas e de inúmeros povoados fortemente instáveis. Eram processos de urbanização espontâneos e, nos anos 1970, um processo explicitamente dirigido por meio do urbanismo rural, que criou cidades ou fortaleceu projetos de colonização ao longo dos novos eixos de circulação, para atrair o povoamento e organizar o mercado de trabalho.

Fundamental nesse novo projeto foi a criação da Zona Franca de Manaus, e a tentativa de promover o desenvolvimento numa cidade estrategicamente localizada no extremo norte do país e em plena economia extrativista. Como resultado, a Amazônia foi a região que registrou as maiores taxas de crescimento urbano no país entre 1970 e 2000, com uma população que aumentou de 35% em 1970, 40% em 1980, 61% em 1996, 69% em 2000, alcançando 72% em 2007 e 99,5% em 2010. Enfim, os núcleos urbanos foram a base logística de expansão da fronteira. Por esse intenso processo, a região foi denominada de *floresta urbanizada*.⁵

⁴ Cf. BECKER, Bertha K. *Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁵ Assim se expressa Bertha K. Becker, doutora em geografia pela Universidade Federal de Rio de Janeiro, pesquisadora da região amazônica e falecida em julho de 2013.

A pesquisadora Bertha Becker enumera uma série de características próprias da urbanização da região Amazônica: ritmo galopante do crescimento, desconcentração da urbanização, íntima relação cidade-campo, grande variedade de situações, carência generalizada de equipamentos e serviços e importância da dimensão política.⁶

A maioria dos novos núcleos urbanos que apareceram na década de 90, resultaram da formação de assentamentos urbanos em lugares inadequados à habitação, localizados na periferia ou ainda no próprio centro urbano, no caso das cidades, e com acesso difícil, no caso do interior. De forma geral, esses núcleos carecem de serviços para atendimento à população. Segundo dados de uma pesquisa de 1997⁷, entre 60 % e 80 % da expansão urbana das grandes cidades da região amazônica é realizada em mutirão nas favelas, sem nenhum sistema de saneamento, sem meio de transporte adequado ... Muitas vezes, a moradia está desprovida de qualquer sistema de infraestrutura adequada e equipamentos e serviços em geral. Isto acontece tanto nas grandes metrópoles como nos pequenos núcleos urbanos da Amazônia. Em tempos mais recentes novas migrações decorrentes dos projetos mineradores e construção de hidrelétricas acentuaram este quadro de alta precariedade no acesso a bens e serviços públicos urbanos.⁸ A questão do saneamento básico (abastecimento de água potável, tratamento do esgoto sanitário, lixo, drenagem e manejo das águas pluviais urbanas...) continua sendo um grave desafio e problema em muitas cidades da região amazônica.⁹

A exclusão social pode ser vista como uma característica da urbanização na Amazônia, resultante desse processo de expansão

⁶ Cf. BECKER, Bertha K. *Amazônia-Geopolítica na Virada do III Milênio*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

⁷ Cf. BROWDER J. O. e GODFREY B. J. *Rainforest Cities, Urbanization, development, and globalization of the Brazilian Amazon*. New York: Columbia University Press, 1997.

⁸ Cf. Caderno CEMLA 3, p. 44-48. Ver também, FLEISCHFRESSER, V. *Amazônia, Estado e Sociedade*. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

⁹ Cf. CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMENICA 2016. *Casa comum, nossa responsabilidade*. Brasília, Edições CNBB, 2016.

urbana não planejado e que se reflete na própria estrutura dos núcleos urbanos. Sendo que as atuais instituições e administrações políticas nas diferentes esferas, devido à corrupção generalizada e à outras causas, continuam reproduzindo processos de urbanização excludente. E sabidas são as da segregação urbana, insegurança, violência, privatização do espaço urbano etc.

A cidade de Altamira, no estado do Pará, uma das atingidas pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte passou a liderar o ranking dos municípios mais violentos do Brasil formulado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública com dados de 2015.¹⁰

Esses espaços urbanos negligenciados se tornam caldo de cultivo das redes internacionais do tráfico de drogas instaurando a criminalidade e um alto índice de violência nas cidades. A vulnerabilidade da floresta, a pobreza da população amazônica e a localização próxima aos principais produtores de coca (Bolívia, Colômbia, Peru) colocam a Amazônia na trama das redes internacionais do tráfico de drogas, destacando o papel do Brasil como locus de beneficiamento e distribuição de cocaína para a Europa.¹¹

Núcleos urbanos surgiram ou foram criados a cada mudança de projeto para Amazônia. Hoje, um novo padrão de desenvolvimento regional torna-se urgente, capaz de melhorar as condições de vida de suas populações e vencer as ameaças à sua sustentabilidade.¹²

No cerne do novo padrão de desenvolvimento, afirma a pesquisadora Bertha Becker, o desafio a superar é o falso dilema entre desenvolvimentismo e conservação, erroneamente identificados respectivamente como destruição e preservação intocável da floresta. Produzir para conservar torna-se a meta de um novo padrão de desenvolvimento. E as cidades são condições-chave para viabilizá-lo.

¹⁰ Informação disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/as-30-cidades-mais-violentas-do-brasil-segundo-o-ipea/>. Acesso em: 07/12/2017.

¹¹ Cf. DE OLIVEIRA COUTO, A. C. *A geografia do crime na metrópole, das redes ilegais à "territorialização perversa" na periferia de Belém*. Belém: UEPA, 2014.

¹² Cf. Caderno CEMLA 4, p. 49-52.

Ciência e tecnologia podem e devem contribuir para vencer o desafio da utilização social e econômica sustentável do patrimônio natural e cultural da Amazônia em benefício das populações regionais, do país e do planeta.¹³

2. TENDÊNCIAS SOCIOCULTURAIS CARACTERÍSTICAS DAS CIDADES LATINO-AMERICANAS

Falar de cidade, na atualidade, é distanciar-se em muito do modelo da *polis* grega que representava o local do encontro, do debate cívico e da vida política ou da *urbe* romana, que simbolizava um valor estético e a opulência do poder da época e mesmo da cidade medieval que constituía o lugar da troca e do artesanato. Ela é, hoje, um redesenho da cidade industrial do início da era moderna, quando se desenvolvem as relações entre o Estado, a economia e a sociedade, não só em âmbito local, mas também em dimensão nacional e internacional, tornando-se o *locus* da vida contemporânea em grande parte do mundo.

Desde Georg Simmel (1858-1918), Max Weber (1864-1920) e Wirth (1897- 1952), os cientistas sociais têm se debruçado sobre a especificidade do fenômeno urbano.

Mudanças de cenários vão exigindo reavaliações de conceitos e de eixos analíticos utilizados nos estudos urbanos, tendo em vista que a cidade, nas últimas décadas, apresenta novas dinâmicas e novos atores, determinados pela globalização da economia e da sociedade informacional. Este contexto fez do mundo planetário uma aldeia global, gerando alterações nas formas de organização do trabalho, na estrutura de consumo, nas práticas sociais e culturais e nos usos da cidade, constituindo uma nova cultura urbana.¹⁴

¹³ Cf. BECKER, Bertha K. *A urbe amazônida, a floresta e a cidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013, p. 51-61.

¹⁴ Cf. BORIN, M. "Apresentação: Cidade e Modernidade". In: *Ponto e vírgula*, 7 (2010) pp. 28-31.

Na avaliação, portanto, da questão urbana, é preciso considerar que se trata da cidade capitalista no atual período monopolista, da chamada acumulação flexível, da reestruturação produtiva, da globalização financeira, da metropolização crescente, dos fluxos planetários de capital, de um lado, e, de outro, de deslocamentos populacionais dos subalternos pelo mundo todo, do fechamento das fronteiras, do avanço tecnológico e informacional, do Estado mínimo na proposta neoliberal, da existência de segmentos da população afastados do mundo econômico mundializado, “excluídos”, de formas de segregação, de pobreza, em incontáveis e diversas manifestações.¹⁵

Segundo o sociólogo mexicano José de J. Legorreta¹⁶ na atualidade a grande maioria dos estudos sociológicos sobre as cidades ocidentais (entre as quais se incluem as latino-americanas) não se realizam ao margem duma compreensão implícita ou explícita da modernidade, em tanto que esta tem sido a realidade cultural e institucional predominante pelo menos desde o século XIX. Neste sentido, a análise da cidade torna-se uma espécie de “porta de ingresso” para compreender a modernidade; do mesmo modo, o estudo da modernidade têm-se constituído numa condição imprescindível para uma maior compreensão das cidades no mundo contemporâneo, onde as latino-americanas não são exceção.¹⁷

Modernidade em crises a partir do último terço do século passado que não seria um réquiem pela modernidade ou o umbral duma nova época (pós-modernismo), senão a expressão duma outra etapa da modernidade. Entre as expressões mais usuais encontramos: “modernidade radicalizada” (Giddens), “modernidade líquida” (Bauman), “modernidade reflexiva” (Beck), “desmodernização” (Touraine) ou simplesmente “modernidade” (Habermas).

¹⁵ Cf. PARDINI, M. “Cidade, vulnerabilidade e território”. In: *Ponto e vírgula*, 7 (2010) pp. 32-48.

¹⁶ Doutor em Ciências Sociais e Políticas pela Universidade Iberoamericana da cidade do México e doutor em Teologia Sistemática pela Facultad de Teología de Granada em Espanha.

¹⁷ Cf. LEGORRETA, J. “La ciudad latino-americana: aproximaciones sociológicas”, en: LEGORRETA J. (Dir.) *10 palabras clave sobre pastoral urbana en América Latina*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2007, p. 15.

A pergunta que se impõe é averiguar se a correlação mostrada entre cidade e modernidade é útil para explicar a realidade urbana na América-latina ou se podemos falar de modernidade neste continente.

A modernidade, como afirma Giddens, tem-se convertido numa realidade de carácter quase mundial, porem esta não é uma realidade ideal; é mais bem um conjunto de processos que assumem formas diferentes segundo as tradições, estruturas e interesses de cada sociedade em particular, de modo que a resultante não tem sido um modelo homogêneo para todos (a pesar da perspectiva etnocêntrica europeia com que surgiu o discurso e o imaginário da modernidade), senão modernidades múltiplas, onde a experiência latino-americana constitui uma delas.

Na gênese da modernidade latino-americana três elementos tem desempenhado um papel destacado: 1) processos modernizadores intencionados realizados por algumas elites regionais em diversos momentos da história; 2) pressões externas, sobre todo de carácter econômico; 3) conseqüências não esperadas e incluso desconhecidas das duas anteriores.¹⁸ Em perspectiva, isto nos leva a afirmar que a modernidade na América Latina, não é puramente endógena nem puramente imposta; mais bem, é uma mistura, é híbrida, como também é o espaço simbólico/territorial no qual tem se expressado com maior intensidade: a cidade.

Este carácter ambíguo, desigual e contraditório da cidade latino-americana, Legorreta trata de explicá-lo mediante cinco tendências expressadas dialeticamente em forma de binômios.

Tradição/modernidade

Segundo o pensamento sociológico dos clássicos (Durkheim e Weber, entre outros) frente à modernidade pode-se dizer que as sociedades tradicionais são aquelas sociedades onde ainda não existe a influência e a presença de instituições e estilos de vida de-

¹⁸ Cf. GIROLA, L. "Tiempo, tradición y modernidad", in: *Sociológica* 58 (2005) 36-39.

rivados da industrialização, da cidadanização e da secularização; porem hoje essa explicação adoece numa visão pouco dialética, etnocêntrica e plural.

Com efeito, qualquer aproximação às cidades latino-americanas põe de manifesto que nelas coexistem “tradição” e “modernidade” de maneiras diversas. Por exemplo, nas crenças religiosas e nos sistemas de valores, facilmente encontram-se práticas religiosas de matriz indígena ou camponesa (quase toda a chamada “religiosidade popular”) em concorrência ou combinadas com formas “particulares” de religião acordes com o individualismo moderno, assim como com crenças e práticas oficiais da Igreja católica. Nesta “arena urbana”, as tradições não só sobrevivem, senão que também se articulam com outras que poderíamos identificar como modernas ou incluso como pós-modernas (movimentos espirituais centrados no desenvolvimento e bem-estar do indivíduo). A mesma coisa acontece na esfera dos valores e modos de vida. Poderia se dizer que na cidade se dá uma “encruzilhada cultural onde coexistem a cultura pré-moderna, moderna e pós-moderna”.¹⁹

Global/local

A globalização não se situa simplesmente no período histórico da modernidade (mais em concreto da modernidade radicalizada), senão que é sua consequência, em tanto que a modernidade tem providenciado as condições sócio-institucionais e o imaginário cultural para fazê-la possível.

Segundo Legorreta, nas discussões acerca da globalização tem se dado duas afirmações falsas: uma é que a globalização consiste unicamente num conjunto de processos econômicos; a segunda é que a globalização homogeneiza os indivíduos e as culturas. A respeito do primeiro trata-se dum reducionismo, mesmo que o econômico tem um papel fundamental, a globalização também involucra outras dimensões. Em quanto

¹⁹ MERLOS, F. “Pastoral atípica”, em: LEGORRETA, J. (Dir.) *10 palavras clave sobre pastoral urbana em América Latina*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2007, p. 314.

à suposta homogeneização, podemos dizer que essa é uma tendência que coexiste irremediavelmente com o particularismo das localidades, mesmo reconhecendo uma forte influência este não desaparece nem fica subsumido numa suposta “cultura global”; ao contrário, com frequência a tensão tem levado à exageração das particularidades e ao fundamentalismo. A experiência porém mostra mais bem que a exclusão entre o global e o local dista muito de ser o rasgo dominante, já que também é evidente a complementação e, sobre todo, o sincretismo.

O panorama sociocultural e institucional que manifestam as cidades latino-americanas é híbrido; nele coexistem tensamente particularidades étnicas, regionais ou nacionais com outras muitas particularidades e tradições entre as que se incluem, por suposto, as geradas pela própria modernidade (individualismo, o conhecimento científico-tecnológico, a rentabilidade etc.).

No entanto, as vezes a dialética entre o global e o local não fica ao margem das relações de poder e as desigualdades. Com frequência, grupos de poder político, econômico ou cultural tem se apropriado ideologicamente de alguns valores da modernidade globalizada como instrumentos de dominação; então sim, a dinâmica global/local torna-se correlativa do binômio imposição/resistência. Esta situação explica em grande medida a existência dum número significativo de movimentos sociais reivindicativos duma suposta identidade profunda em América Latina.²⁰

Inclusão/exclusão

A globalização como processo histórico social ambivalente entre homogeneização e diferenciação, entre universalidade e localismo, não elimina as desigualdades e contradições do tecido social, senão que mais bem as redimensiona gerando novas desigualdades e acentuando a tensão entre “incluídos” e “excluídos”.²¹

²⁰ Cf. LEGORRETA, J. “La ciudad latinoamericana: aproximaciones sociológicas”, p.31.

²¹ Cf. BAUMAN, Z. *Globalização, as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 e *Danos colaterais. Desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Ver também, Caderno CEMLA 3, p. 78-87.

As cidades latino-americanas constituem um caso peculiar de polarização entre exclusão e inclusão porque carregam com um passado não resolvido de pobreza e marginalização social, étnica, política e cultural. Territorialmente isto é evidente em todas as cidades onde a “paisagem” urbana comum apresenta enclaves residenciais protegidos ao lado de zonas de favelização; ou exclusivos centros comerciais onde encostados a eles sobreabunda o comércio informal; zonas empresariais que incidem significativamente como protagonistas na economia global, ao lado de localidades marginalizadas. A mesma dinâmica de contraste acontece também entre cidades. Mesmo que o econômico tenha sido um elemento chave nos processos de inclusão/exclusão nas cidades latino-americanas, os aspectos culturais, políticos e sociais não tem jogado um papel menor.²² A irreversibilidade e amplidão da dinâmica globalizante na qual acontecem esses processos tem feito, para bem ou para mal, que os excluídos já não possam prescindir da globalização.

Homogeneidade/ pluralismo

A globalização chegou da mão da desterritorialidade e do pluralismo. A primeira noção refere-se a aquela experiência própria da modernidade global pela qual as relações sociais e a construção de identidades acontecem “desancoradas” duma localidade o contexto específico, enquanto as próprias “localidades físicas” se vem penetradas e transformadas por influências sociais remotas. Devido a este fenômeno as cidades latino-americanas tem experimentado câmbios profundos não só na distribuição, comunicação e fragmentação do espaço, mais também na maneira como seus habitantes se relacionam *com* a cidade e *na* cidade, com os outros e consigo mesmos.²³

²² O sociólogo chileno Jorge Larraín identifica cinco características da identidade latino-americana, que ao parecer de Legorreta, operam como mecanismos de regulação e ordenamento dos processos de exclusão em vastas zonas do continente. Cf. LARRAÍN, J. *Identidad y modernidad en América Latina*, México 2004, p. 235-252. Para uma análise dos processos de exclusão atuais no contexto brasileiro ver, SOUZA, J. *A elite do atraso, da escravidão à lava jato*. São Paulo: Leya C.P. 2017.

²³ Cf. TOMLINSON, J. *Golbalización y cultura*. México: Universidad Iberoamericana, 2001, pp. 60 e 125-126.

A noção do pluralismo refere-se a aquela situação de acelerada e massiva mistura e interação de diferentes estilos de vida, valores, crenças e cosmovisões típica da modernidade globalizada. Indubitavelmente, as grandes cidades constituem a sede por antonomásia do pluralismo tanto por seu enorme volume quanto por sua grande heterogeneidade. O pluralismo tem sido promovido fortemente pelos meios massivos de comunicação e assim o urbano como atitude e mentalidade tem deixado de ser necessariamente coincidente com os habitantes da cidade. Hoje instalados na cultura digital e midiática com a proliferação das novas tecnologias comunicacionais e informacionais está-se falando do nascimento dum “novo sujeito” com exigências e características próprias.²⁴

Cultura urbana/interculturalidade

A cultura urbana tende a ser cada vez menos um fator derivado do território e da densidade demográfica e mais das novas condições da modernidade radicalizada onde o “imaginário” constituiu um papel importante na representação e instituição do social e da interculturalidade.²⁵

Mais que cultura urbana, entendida como um todo homogêneo, o que realmente se dá é a coexistência e interação recíproca de múltiplas culturas num mesmo espaço, daí a necessidade de mencionar as cidades contemporâneas como cidades multiculturais. As cidades latino-americanas se mostram em todo sentido como cidades multiculturais onde coexistem tensamente diversidades étnicas, regionais e socioeconômicas.

O pluralismo cultural também supõe a interação e interpenetração entre culturas, o que ineludivelmente facilita uma espécie de “contaminação” cognoscitiva, simbólica e de sentido.

²⁴ Cf. PUNTEL, J. “Midiatização/Mediatização. Novo cenário contemporâneo”, em: BRIGHENTI, A. (Org.) *Pastoral urbana. Categorias de análise e interpelações pastorais*. Brasília: Edições CNBB, 2010 pp. 253-254.

²⁵ Cf. BRAVO, B. “Imaginarios urbanos”, em: LEGORRETA, J. (Dir.) *10 palabras clave* ... pp. 47-78.

Esta “dança” de múltiplas constelações culturais carentes de um só centro se expressa de maneira objetiva e subjetiva nas cidades latino-americanas. O peculiar é que não nos situamos frente a *um* imaginário, senão ante uma efervescente dança de imaginários que, na sua interação ou exclusão, se constroem e reconstroem permanentemente com efeitos de toda índole sobre o mundo material.

3. RESPOSTA ECLESIAL FRENTE AO FENÔMENO URBANO

O Vaticano II com sua constituição pastoral *Gaudium et spes*, podemos dizer que marca o início desta reflexão (GS 6; 54). Após seguiram-se outros documentos magisteriais e em Latino América encontros, seminários e espaços de reflexão sobre a temática. Nós aqui queremos salientar as afirmações fundamentais feitas pelas grandes Conferencias do Episcopado Latino-americano.

A Conferencia de Medellín (1968) na introdução assinala a nova época histórica que começava-se a vislumbrar e faz duas referências ao fenômeno urbano (III,2 e X,10). Embora em Medellín não se aprofundou propriamente na realidade urbana, alguns teólogos-pastoralistas iniciaram essa reflexão.²⁶

A reflexão de Puebla (1979) sobre a cultura foi decisiva para a reflexão posterior sobre pastoral urbana. Em Puebla se assume a opção de evangelizar a cultura (385) e a transforma na grande opção pastoral da Igreja Latino-americana (394-396). Com a sua referência à cidade (429-433), Puebla é o primeiro documento da Igreja Latino-americana em assumir a cultura urbano-industrial e a vida urbana como desafios pastorais. A Conferencia propôs encontros a nível continental, nacional e regional para evangelizar as grandes metrópoles.

A Conferencia de Santo Domingo (1992), no contexto da nova evangelização, assinala a cidade como lugar da evangeliza-

²⁶Tal é o caso de Segundo Galilea. Cf. A dónde va la pastoral? Bogotá: Paulinas, 1974 e “Pastoral y lenguaje” en: *Pastoral y lenguaje*, AA.VV. Bogotá: Indo-American PressService, 1973.

ção da cultura (255-262) e propõe um cumprido número de desafios e linhas pastorais, entre as quais: inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano; reorganizar as estruturas paroquiais pra responder ao urbano; promover a formação dos leigos e criar ministérios conferidos aos leigos pra a evangelização das grandes cidades; programar uma pastoral diversificada segundo os diferentes espaços das cidades; multiplicar as pequenas comunidades e as comunidades eclesiais de base; evangelizar aos grupos de influência nas cidades para transformar os lugares de miséria que se dão nelas, etc.

A Conferencia de Aparecida (2007) retoma o tema de maneira explicita dedicando várias passagens (DAp 509-519). Segue o método pastoral latino-americano ver-julgar-agir, apresentando primeiramente a realidade sociológica das grandes urbes, depois um julgamento teologal da realidade urbana e por último assinala algumas linhas de ação. Os números 509-513 descrevem as principais características das cidades contemporâneas e resumem a posição histórica da Igreja frente as urbes e os desafios que se apresentam à tarefa evangelizadora. Os números 514-516 são uma reflexão teológica sobre as cidades e os últimos números 517-519 se referem à ação onde recomenda-se uma pastoral urbana mais missionária. Apresentam-se quinze orientações para formar agentes de pastoral e integrar os elementos duma pastoral orgânica na cidade. São orientações ricas e inspiradoras entre as quais remarcamos a necessidade de considerar novos estilos e linguagens pra encarnar o Evangelho nas cidades; fomentar a descentralização evangelizadora; compreender a paróquia como comunidade de comunidades; cuidar da pastoral da acolhida pra os que chegam na cidade; prestar especial atenção ao mundo do sofrimento urbano etc.

Á luz do magistério eclesial queremos propor, chamar a atenção ou enfatizar alguns aspectos que ao nosso ver são de obrigada referência pra uma ação eclesial e missionária nas cidades.

Um primeiro aspecto refere-se à dimensão teologal do fenómeno urbano. Aparecida dedica espaço e propõe uma visão positiva da cidade ao afirmar a presença de Deus nela (Ap 514).

É urgente compreender o fenômeno urbano sem o preconceito negativo sobre a cidade, resgatando sua potencialidade e sua capacidade de revelar a Deus no momento presente.²⁷

Um segundo aspecto refere-se à aproximação sociológica às cidades, ou em palavras do pastoralista brasileiro Agenor Brighenti, “conhecer analiticamente a cidade”.²⁸ A abertura interdisciplinar concebe-se como mediação fundamental para poder responder aos desafios da cidade hoje. Impõe-se portanto uma atitude dialógica assim como levar a sério o papel de “interlocutores” dos que vivem nas urbes, pondo-nos a caminho para encontrar juntos o Deus que anunciamos.

Um terceiro aspecto é a necessidade de viver o pluralismo cultural e religioso como um fato irreversível e aposta irrenunciável. Definitivamente, temos que assumir o contexto plural no qual hoje se move a humanidade. Assim mesmo assumir esse pluralismo nas urbes com a singularidade e particularidade de cada uma, descobrindo o que tem se chamado de “cidades invisíveis” dentro duma mesma urbe e as “subculturas” dentro das culturas.²⁹ Isso implica que não se pode falar duma ação eclesial e missionária uniforme e válida para todas as realidades, senão duma diversificação capaz de acolher as diversidades e responder com criatividade às diferenças.

Um quarto aspecto é a visão de gênero que deve acompanhar toda ação pastoral e missionária nas cidades assim como a reflexão sobre a mesma. Não só porque a metade da população das cidades são mulheres mas também pela situação histórica de confinamento ao âmbito privado, e pela continuidade de imaginários patriarcais que não enxergam a participação da mulher na vida social e política da urbe e reforçam práticas de violência

²⁷ Cf. GALLI, C.M. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida*. Buenos Aires: Agape Libros, 2014, pp. 155-181.

²⁸ Cf. BRIGHENTI, A. *Pastoral Urbana. Categorías de análise e interpelações pastorais*. Brasília: Edições CNBB, 2010, p.27.

²⁹ Cf. BRAVO, B. *Pastoral Urbana: simbólica urbana y simbólica cristiana*. México: Credo Ediciones, 2013, pp. 153-218.

machista contra elas. Assim mesmo em lugares como Amazônia é importante considerar a especificidade dos povos indígenas³⁰, dos afrodescendentes e ribeirinhos historicamente violentados e marginalizados e desprezadas e silenciadas suas práticas culturais.³¹

Um quinto aspecto é a conversão cristológica aos pobres ou como diz Aparecida “atenção especial ao mundo do sofrimento urbano” (517j) neste contexto de violência crescente e desigualdade social. Neste sentido o teólogo Jon Sobrino escreve:

*“quanto à Igreja [...] nunca se fez do pobre a realidade central eclesial, nem arriscou sua vida por eles, como seu fundador fez. Muitas vezes os discriminou e até cooperou para sua opressão. Em sua teologia, raras vezes teorizou a parcialidade essencial de Deus para com o pobre e a ultimidade deste frente a Deus”.*³²

Um último aspecto, emanado do magistério de papa Francisco, é a conversão ecológica, acolher o desafio da “ecologia integral” (LS 137-162) frente a um paradigma hegemônico mundial que perpassa as esferas econômica, política, social, cultural até as práticas individuais das pessoas (LS 106-114). Impõe-se gerar e possibilitar esta “experiência comunitária” em nossos espaços e estruturas de vivência da fé num mundo urbano marcado por ambientes de mobilidade, individualidade e adesão seletiva³³. Importante o papel da mídia neste contexto como comunicação dessa “experiência comunitária” e como instrumento de elaboração de “contra-narrativas” frente às “narrativas oficiais” (muitas vezes) ao serviço de interesses econômicos, políticos e pessoais de oligarquias e grupos de poder.

³⁰ Segundo o último Censo IBGE de 2010, na amazônia brasileira, o 20% da população indígena mora em núcleos urbanos.

³¹ Cf. MELO SAMPAIO, P. (Org.) *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. Belém: Editora AÇAÍ/CNPq, 2011. SOUZA, M. *Amazônia indígena*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

³² SOBRINO, J. “Teologia e realidade”, em SUSIN, L. C. (org.), *Terra prometida. Movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes/Soter, 2001, p. 303.

³³ Cf. PORTELA, J. “Cidade, território e evangelização”, em BRIGHENTI, A. *Pastoral urbana. Categorias de análise e interpelações pastorais*. Brasília: Edições CNBB, 2010, pp. 73-88.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* nos convida a “recuperar um espírito contemplativo” (EG 264), característica que faz parte da nossa tradição xaveriana.³⁴ Atitude que nos ajuda a discernir os sinais dos tempos e a descobrir, na multiplicação das cidades, na formação das megalópoles e na figura cultural que lá está-se gestando, uma mudança de época e indícios duma nova etapa histórica.

Estamos chamados a cultivar a contemplação dos “sinais de nosso tempo urbano” de maneira interdisciplinar e permanente, a aprender a ler a cidade para dialogar com ela e descobrir a presença de Deus nela, o “rosto urbano de Deus”.³⁵

Desde a cidade social com suas ambiguidades e contradições, violência, exclusão, corrupção, crime organizado, consumismo ... precisa construir a cidade teológica. Desde a cidade terrena, velha precisa levantar a cidade nova, a nova Jerusalém (cf. Ap. 21, 2-4), a cidade-comunidade sem indiferença e misericordiosa.

A cultura urbana, neste contexto amazônico e latino-americano nos desafia a repensar objetivos, estruturas, estilo e métodos evangelizadores, em fim a nos reposicionar e abandonar o cômodo critério: “fez-se sempre assim”. Para isso, faz-se necessário uma atenção, “um cuidado especial no que diz respeito à formação permanente em nível pessoal, regional e geral” (RMX 89). É urgente pra nós recuperar o tema da formação permanente, como nos convidam os documentos da congregação dos últimos anos, não só como resposta aos desafios hodiernos da missão e do mundo de hoje, mas como fidelidade também ao carisma e à própria vocação, no caminho do reposicionamento da congregação e na procura da “nova figura de xaveriano”.³⁶

³⁴ Cf. Carta Testamento n° 10.

³⁵ Cf. Merlos, F. “Pastoral atípica”, em LEGORRETA, J. (Dir.), *10 palabras clave...* pp. 325-330.

³⁶ Cf. COSUMA 2015, *A formação permanente: mentalidade e prática em vista do primeiro anúncio*. Quaderni iSaveriani, 90.

PARA REFLETIR

1. O que se entende por pastoral urbana?
2. Quais reações provoca esta reflexão sobre a cultura urbana?
3. Vislumbramos caminhos concretos para a nossa ação missionária? Quais?